

T3 Resumo de passagens do livro *O Processo Civilizador* (Norbert Elias)

Ana Paula Rezante de Oliveira, Julia Petroli Catezani, Karen Lissa Birche Rosa, Lais Lourencini Fernandes de Souza, Luanda Ganeo, Monique de Almeida Barros, e Raphaela Mariano

Com contribuições dos grupos e do professor

O conceito de *civilité*

Como um modo de expressão e símbolo de uma formação social específica, o conceito de *civilité* emerge em diferentes países europeus e em diversos idiomas, (inglês, alemão, francês). Trata-se de um traço maior da construção da auto-imagem de uma sociedade em mutação.

Ao tratar do conceito de civilidade, Norbert Elias destaca Erasmo de Rotterdam, autor do livro *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), que trata do comportamento das pessoas em sociedade, delimitando, com grande cuidado, toda a faixa de conduta humana, considerando as principais situações de convívio social. Este livro é dirigido a crianças nobres, príncipes, mas suas repercussões pouco a pouco se dispersaram por toda sociedade.

Em seu tratado, Erasmo aborda atitudes perdidas pelos indivíduos contemporâneos, hoje consideradas como “bárbaras” ou “incivilizadas”. O texto permite pensar nas mudanças relacionadas à postura, gestos, formas de vestuário e expressões faciais que tornariam o homem “civilizado”. Essa obra de Erasmo de Rotterdam ganhou grande circulação: apenas 6 anos após a sua publicação, já haviam sido realizadas mais de 30 reedições.

Em sua obra, Erasmo impulsiona um novo significado à palavra *civilitas*, expressando uma necessidade da época. A partir de então, a palavra passou a ser usada com o sentido atribuído na obra, tornando o livro um importante marco para expressar uma mudança social.

De acordo com Norbert Elias, ainda hoje existem muitas sociedades vistas como “não civilizadas”, “bárbaras” ou “incivilizadas”, o que pode causar repugnância a pessoas que não pertencem a estas sociedades. No entanto, o conceito de “civilizado” e “incivil” não são opostos, eles representam fases de um desenvolvimento que é contínuo. O próprio desconforto e estranheza que sentimos ao ver as recomendações de Erasmo para a sua época demonstra como a sociedade se move de um padrão para outro em um processo no qual aquilo que era trivial pode causar mal estar diante de um novo padrão.

Mudanças na Agressividade

Para o autor, a estrutura emocional do homem é um todo, no qual existem diferentes instintos com diferentes funções que estão ligados com a totalidade. Porém, não há dúvida que sua forma socialmente impressa é de importância decisiva tanto para a sociedade quanto para os indivíduos que a compõem.

A agressividade é um desses impulsos que é condicionado como outros através de normas sociais implícitas e explícitas. A agressividade passou por transformações históricas ligadas às mudanças de estrutura e controle emocional.

Tomando inicialmente como exemplo os guerreiros da época medieval, é possível perceber que a guerra, a caça, o saque, o assassinato eram fenômenos comuns. Havia prazer na derrota do inimigo e na mutilação de prisioneiros. Esse prazer com a morte e com a tortura não era repreendido, não havia poder punitivo. Assim, explosões de crueldade não excluía as pessoas do convívio social.

Naquele contexto, o medo era frequente e a vida instável, levando os indivíduos a um estado permanente de alerta. Os guerreiros da Idade Média viviam e se preparavam para a guerra, desde cedo até a morte. No século XV, o cavaleiro ainda expressava o prazer na guerra, baseado nas armas e mortes, com motivações também ligadas a uma causa justa à lealdade.

A disposição permanente em lutar não existia somente entre os cavaleiros. Nas cidades, entre os burgueses e suas famílias existiam rixas que geravam ódio e brigas que podiam durar anos. Uma característica curiosa se refere à oscilação de humor: as pessoas podiam rir juntas e, logo em seguida, travarem um combate em razão de uma pequena desavença. De fato, o comportamento adulto desta época não era muito diferente daquele infantil, com explosões de alegria e de ódio, em período no qual as emoções eram liberadas mais livremente.

Na vida cotidiana da sociedade civilizada, as emoções são muito mais controladas. Em jogos esportivos, por exemplo, a agressão e a luta são socialmente permitidas, sob condição de respeito às regras estritas do combate. Desta forma, estas disputas são muito diferentes do que ocorria na Antiguidade ou na Idade Média, quando as regras de proteção aos gladiadores ou cavaleiros medievais, por exemplo, eram mínimas ou mesmo inexistentes. A propósito, segundo Norbert Elias, o esporte só é considerado como tal na medida em que existam regras que o tornem previsível e seguro, no máximo possível.

Ao espectador nas arenas esportivas é permitida uma liberação moderada de emoções, sendo esperada uma postura relativamente passiva e controlada. Desde cedo, as crianças apreendem a ter esta conduta mais passiva, representada pela orientação de “somente ver e não tocar”, o que modela pouco a pouco os gestos.

No século XVI, nas festas de São João, era um prazer visual queimar dúzias de gatos vivos em fogueiras armadas. Execuções e torturas (como no caso da “caça às bruxas”) ocorriam frequentemente em praças públicas. O desconforto que nos gera os relatos de costumes deste tipo revela como a estrutura de personalidade muda ao longo do tempo, acompanhando mudanças macro-sociais.

Em suma, o autor analisa as mudanças nas condutas de civilidade ao longo do tempo, focalizando a questão das transformações na agressividade. Na Idade Média, esta última não era repreendida e não excluía o indivíduo da vida social. As explosões comportamentais violentas eram atos corriqueiros, sem praticamente censura. Contudo, ao longo do processo civilizador, o comportamento humano se transforma na medida em que a agressividade passa a não ser mais aceita socialmente.